



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

LUAN DE SOUSA ALVES

**O SAGRADO E O PROFANO: IMAGENS ANIMADAS NO MUNDO PÓS-REFORMA**  
*Um olhar sobre O Príncipe do Egito e Historinhas Bíblicas da Record*

Pelotas/RS

2025

LUAN DE SOUSA ALVES

**O SAGRADO E O PROFANO: IMAGENS ANIMADAS NO MUNDO PÓS-REFORMA**

*Um olhar sobre O Príncipe do Egito e Historinha Bíblicas da Record*

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Pr<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vivian Herzog

Pelotas

2025

LUAN DE SOUSA ALVES

**O SAGRADO E O PROFANO: IMAGENS ANIMADAS NO MUNDO PÓS-REFORMA**

*Um olhar sobre O Príncipe do Egito e Historinha Bíblicas da Record*

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em 4 de Abril de 2025.

Banca Examinadora:

---

Pr<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vivian Herzog

---

Pr. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa

---

Pr<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gissele Azevedo Cardozo

## AGRADECIMENTOS

A jornada de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso foi desafiadora e transformadora, e não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de muitas pessoas. Primeiramente, agradeço a Deus pelas forças e pela inspiração ao longo desse processo.

À minha família, pelo suporte incondicional e incentivo nos momentos mais difíceis. Em especial, agradeço à Mikaela, por estar ao meu lado, compreendendo as longas horas de dedicação e sempre acreditando em mim.

Mudar para outro estado representou um grande desafio. A saudade de casa e das pessoas queridas, por muitas vezes, me fez sentir a ausência do meu lugar e da minha rotina. Me adaptar a um novo ambiente trouxe incertezas, mas também fortaleceu minha resiliência e me fez crescer de maneira que eu não imaginava. Os desafios dessa mudança fortificaram minha fé, me ensinando a confiar em Deus nos momentos de dificuldade e a reconhecer Sua presença em cada passo da jornada.

Agradeço especialmente ao casal Carlota e Edilson, que me acolheram com tanto carinho e hospitalidade quando cheguei ao Rio Grande do Sul, junto de sua filha Emily. Agradeço por me darem a sensação de estar em casa e por me receberem de braços abertos.

Aos professores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, que contribuíram imensamente para minha formação acadêmica e profissional. Agradeço especialmente à minha orientadora, Vivian Herzog, por sua paciência, direcionamento e confiança no meu trabalho.

Aos meus colegas e amigos, que compartilharam essa caminhada, oferecendo apoio, sugestões e bons momentos que tornaram esse percurso mais leve. Em especial, agradeço a Phelipe Lima, por toda a colaboração e incentivo.

Por fim, sou grato a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa conquista. Obrigado por acreditarem no meu potencial e me ajudarem a chegar até aqui.

“A melhor arte não diz às pessoas no que crer, mas permite, por um instante, que vejam coisas de um modo diferente, e o cristão pode permitir às pessoas vislumbrar, por um momento, o mundo por meio de olhos que foram tocados por Cristo”

**(Steve Turner)**

## RESUMO

Este trabalho examina a representação da história de Moisés nas animações *O Príncipe do Egito* (1998) e *Historinhas Bíblicas* (1987-2005), com foco nas escolhas estéticas, narrativas e simbólicas e a relação entre o sagrado e o profano. A análise considera as intenções de cada obra, seus públicos e abordagens de temas religiosos, apoiando-se em teorias sobre a construção simbólica das imagens, como as de Jacques Aumont e Mondzain. A pesquisa destaca as diferenças entre as obras: enquanto *O Príncipe do Egito* adota uma estética cinematográfica, com ênfase em questões universais como identidade, poder e fé, *Historinhas Bíblicas* mantém uma abordagem didática e simplificada, voltada para a transmissão pedagógica da narrativa bíblica. A conclusão aponta para o papel da animação como um meio eficaz de comunicação e expressão, refletindo sobre o impacto da arte na percepção das narrativas religiosas e no diálogo entre fé e cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Animação; O Príncipe do Egito; Historinhas Bíblicas; Sagrado e Profano; Simbologia; Narrativa Visual.

## ABSTRACT

This study examines the representation of the story of Moses in the animated films *The Prince of Egypt* (1998) and *Animated Stories from the Bible* (1987–2005), focusing on aesthetic, narrative, and symbolic choices, as well as the relationship between the sacred and the profane. The analysis considers the intentions of each work, their target audiences, and their approaches to religious themes, drawing on theories about the symbolic construction of images, such as those of Jacques Aumont and Mondzain. The research highlights the differences between the two works: while *The Prince of Egypt* adopts a cinematic aesthetic, emphasizing universal themes such as identity, power, and faith, *Animated Stories from the Bible* maintains a didactic and simplified approach aimed at the pedagogical transmission of the biblical narrative. The conclusion points to the role of animation as an effective medium for communication and expression, reflecting on the impact of art on the perception of religious narratives and the dialogue between faith and culture.

**KEYWORDS:** Animation; The Prince of Egypt; Animated Stories from the Bible; Sacred and Profane; Symbolism; Visual Narrative.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> - TRECHOS RETIRADOS RESPECTIVAMENTE DE O PRÍNCIPE DO EGITO E HISTORINHAS BÍBLICAS .....	11
<b>FIGURA 2</b> - MARIA, O MENINO JESUS NAS CATACUMBAS DE PRISCILA.....	12
<b>FIGURA 3</b> - POSTER CHINÊS DA BIBLIOTECA DA MISSÃO .....	13
<b>FIGURA 4</b> – BATISMO DE JESUS – BÍBLIA ETÍOPE .....	14
<b>FIGURA 5</b> - CENA DE A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO (1998) DE MARTIN SCORSESE .....	14
<b>FIGURA 6</b> – CENA DE REI DOS REIS (1961) COM DIREÇÃO DE NICHOLAS RAY ...	15
<b>FIGURA 7</b> - NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, ÓLEO SOBRE ZINCO, ALTO PERU (BOLÍVIA) – SÉCULO XIX .....	19
<b>FIGURA 8</b> - CENAS DE O PRÍNCIPE DO EGITO .....	20
<b>FIGURA 9</b> - PROPORÇÃO DO CENÁRIO.....	21
<b>FIGURA 10</b> - CENAS DE HISTORINHAS BÍBLICAS .....	21
<b>FIGURA 11</b> - ESBOÇO DO ROSTO DE MOISÉS EM O PRÍNCIPE DO EGITO .....	22
<b>FIGURA 12</b> - ROSTO DE MOISÉS EM HISTORINHAS BÍBLICAS .....	22
<b>FIGURA 13</b> - CENA DE ABERTURA DE O PRÍNCIPE DO EGITO.....	23
<b>FIGURA 14</b> - ENCONTRO DE MOISÉS COM A SARÇA.....	24
<b>FIGURA 15</b> - TRECHO RETIRADO DA SÉRIE .....	24
<b>FIGURA 16</b> - RAMSÉS COMPARADO À IMAGEM DO PAI.....	26
<b>FIGURA 17</b> - TRECHO DA SEQUÊNCIA DAS 10 PRAGAS.....	27
<b>FIGURA 18</b> - TRECHO FINAL DE O PRÍNCIPE DO EGITO .....	28

## **Sumário**

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. INTRODUÇÃO DA IMAGEM E DO ÍCONE .....	12
3. ANÁLISE FÍLMICA DAS OBRAS.....	18
3.1. COMPOSIÇÃO DAS CENAS.....	20
3.2. O MOISÉS QUE VAI ALÉM DA RELIGIÃO .....	25
4. CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto e recorte da pesquisa emerge das inquietações que tenho vivido como estudante de Cinema de Animação e, simultaneamente, como batista neocalvinista<sup>1</sup>. Por isso, adoto uma escrita em primeira pessoa. Desde o início da minha formação, o interesse tem se voltado ao papel da arte dentro da fé Cristã, o que levou a reflexões sobre a representatividade imagética na animação a partir de dois exemplos, *O Príncipe do Egito* (DreamWorks, 1998) e *Animated Stories from the Bible (Family Entertainment, 1987-2005)*, intitulada em português *Desenhos Animados do Antigo Testamento*, mas conhecida popularmente no Brasil como “Historinhas Bíblicas da Record” forma como irei me referir, prescindindo em parte de uma noção teológica. O objetivo deste trabalho é analisar a valorização da imagem e criação de produções artísticas no meio protestante.

Partindo de uma relação empírica, entendo que tanto as igrejas históricas protestantes, quanto as pentecostais possuem vertentes em que, em certa medida, aborda a arte como elemento decorativo ou instrumento de panfletagem. Em alguns casos, a arte imagética é até mesmo recebida de forma hostil, como apontava o crítico e historiador Paul Zumthor (1989), que ao examinar a vida cotidiana na Holanda do século XVII, apontava que a Igreja mantinha uma postura de oposição em relação às artes, evidenciando uma tensão entre a produção artística e as instituições religiosas.

Já nas igrejas neopentecostais, devido à grande diversidade de vertentes de pensamento, não é possível identificar uma postura uniforme em relação à arte e é por esta inquietação que o trabalho foi sendo elaborado e proposto.

Para compreender melhor a relação do protestantismo com as imagens, é necessário, primeiramente, revisitar a conexão estabelecida pelo Catolicismo. Segundo Rudolf Otto (2000, apud EWALD, 2020, p 22), as artes desempenham um papel central na mediação do sagrado dentro da tradição católica, com destaque para a arquitetura dos templos, as pinturas em suas paredes e abóbodas, os vitrais e esculturas, que integravam a experiência religiosa e estética.

---

<sup>1</sup> Neocalvinismo (ou calvinismo holandês) é uma corrente que sustenta a visão de que a soberania de Deus se estende sobre todas as coisas — e isso inclui escola, política, arte, ciência, matemática, negócios, geografia, economia, mídia, direito, literatura... assim como família, ética, igreja e teologia. Disponível em: <https://kaiquemoreto.medium.com/voc%C3%AAA-deveria-conhecer-o-neocalvinismo-steve-bishop-77e3802bebb0>. Acesso em 12 dez. 24

No Protestantismo, observa-se um afastamento da arte imagética como uma forma de se desvincular da tradição católica, privilegiando o sonoro, principalmente a música e a pregação, como elemento transcendente que conecta o humano ao divino.

Nesse contexto, a escolha de *Príncipe do Egito* e o sétimo episódio das *Historinhas Bíblicas*, está integrado pelo debate sobre se a arte precisa ou não de uma justificativa. Este debate surge a partir das considerações do professor Hans Rookmaaker<sup>2</sup> no final da década de 1970.

O artista, ao criar uma obra, inevitavelmente imprime nela sua visão de mundo, refletindo suas crenças, cultura e o contexto histórico ao qual pertence. Esse pensamento é abordado por Rookmaaker em suas obras, como *A Arte Moderna e a Morte de uma Cultura* (2015), onde ele traça um panorama da arte desde o Renascimento até a ascensão da Arte Contemporânea. Além disso, em *Filosofia e Estética* (2017), o autor discute a influência da fé na atividade artística, argumentando que, ao longo da história, os artistas sempre foram guiados por suas convicções religiosas, ainda que sua produção estética esteja diretamente ligada à sua crença pessoal.

Conforme exemplifica o especialista em *storytelling*<sup>3</sup> Jurandir Gouveia em seu vídeo intitulado “Os melhores filmes cristãos não são Cristãos”<sup>4</sup>, grande parte das produções cinematográficas de temática religiosa tendem a abordar elementos da narrativa, incluindo a elaboração dos personagens, de maneira superficial. Isso se manifesta, sobretudo, na construção de protagonistas idealizados, frequentemente representados como figuras inerrantes dotadas de virtudes extremas, aproximando-se de uma “perfeição moral”. Além disso, os momentos de conflito não são desenvolvidos de forma aprofundada, sendo, em muitos casos, resolvidas por meio de milagres, com o uso excessivo do recurso *Deus ex machina*<sup>5</sup>, o que simplifica em partes a trama e compromete a complexidade narrativa.

---

<sup>2</sup> Henderik Roelof "Hans" Rookmaaker foi um historiador de arte, filósofo e teólogo cristão, conhecido por sua profunda análise da relação entre arte e fé. [...] Ele acreditava que a arte deveria ser uma expressão da verdade e da beleza de Deus, e não apenas um meio de evangelismo. Disponível em: <https://encurtador.com.br/SLJL1>. Acesso em 12 de mar. 25

<sup>3</sup> *Storytelling* é a arte de contar, desenvolver e adaptar histórias utilizando elementos específicos — personagem, ambiente, conflito e uma mensagem — em eventos com começo, meio e fim, para transmitir uma mensagem de forma inesquecível ao conectar-se com o leitor no nível emocional. Para isso, usa elementos narrativos visando engajar, informar ou persuadir o público. Disponível em: <https://encurtador.com.br/q7nGe>. Acesso em 17 de mar. 25

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kw0Hv8qsh2I>. Acesso em: 24 de fev. 2025.

<sup>5</sup> *Deus Ex-machina* é um termo que vem do grego "deus surgido da máquina", onde nos teatros gregos o ator que representava um deus surgia pendurado em cabos, para resolver o problema do protagonista. Hoje, o termo é

Ambas as animações escolhidas neste texto, *O Príncipe do Egito* e *Historinhas Bíblicas*, narram de formas diferentes a mesma história, a narrativa de Moisés, mas sendo uma com uma proposta voltada ao entretenimento alcançando um público amplo enquanto a outra sugere uma abordagem mais evangelística para um público Cristão.

As obras serão observadas a partir de seus elementos visuais e narrativos, com foco na representação do sagrado e do profano. Em termos visuais, a *DreamWorks* utiliza um estilo sofisticado, com personagens detalhados, expressividade na luz e nas cores, além de enquadramentos cinematográficos que reforçam a dramaticidade. Já *Historinhas Bíblicas* adota um traço mais simples e rígido, com uma paleta de cores menos variada e animações limitadas, priorizando a clareza narrativa e a fidelidade ao texto bíblico (FIGURA 1).

**FIGURA 1-** TRECHOS RETIRADOS RESPECTIVAMENTE DE O PRÍNCIPE DO EGITO E HISTORINHAS BÍBLICAS



Fonte: *O Príncipe do Egito* (59:09); *Historinhas Bíblicas* (20:28)

Narrativamente, *O Príncipe do Egito* enfatiza o drama humano e o desenvolvimento emocional de Moisés, explorando conflitos internos e elementos épicos para intensificar a história. Em contrapartida, a série, popularizada pela rede Record de televisão, cujo proprietário é o bispo da igreja evangélica Universal, Edir Macedo, mantendo diálogos e acontecimentos próximos ao texto original, sem aprofundar os aspectos psicológicos dos personagens. A análise dessas abordagens permitirá compreender a interpretação sobre o sagrado e o profano por meio de suas escolhas estéticas e narrativas.

A realização deste trabalho se justifica pela escassez de estudos sobre a arte imagética no contexto do protestantismo, um campo ainda pouco explorado dentro das pesquisas acadêmicas. Ao reunir e analisar as informações dispersas sobre o tema, esta investigação contribui para a construção de um referencial, possibilitando uma compreensão da relação entre a estética visual e a teologia protestante recortada na abordagem deste texto. Além disso, ao

---

utilizado para representar uma solução surgida do nada para resolver um problema na trama. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ACKsH>. Acesso em: 17 de mar. 25

examinar as abordagens narrativas e iconográficas presentes em produções audiovisuais de cunho religioso, este estudo oferece subsídios para futuras pesquisas, incentivando novas reflexões sobre o papel da imagem na comunicação.

## 2. INTRODUÇÃO DA IMAGEM E DO ÍCONE

A representação por meio de imagens no cristianismo remonta aos primeiros séculos. Historicamente, os primeiros grupos cristãos enfrentaram perseguições pelo Império Romano, especialmente sob os governos de Nero e Diocleciano. Impedidos de realizar seus cultos em locais públicos, começaram a utilizar as catacumbas como igrejas, empregando frequentemente imagens desenhadas nas paredes (FIGURA 2) como forma de ensino para crianças e analfabetos.

**FIGURA 2-** MARIA, O MENINO JESUS NAS CATACUMBAS DE PRISCILA



FONTE: Enroma.com<sup>6</sup>

Esse uso era particularmente relevante, já que o acesso à educação nos primeiros séculos era restrito às classes mais abastadas e, mais tarde, na Idade Média, àqueles dedicados à Igreja, como os clérigos. Durante o período da Patrística<sup>7</sup>, o uso de imagens foi debatido por alguns de seus pensadores, como o Papa Gregório I, que, em 604, escreveu a um bispo sobre o tema, afirmando que, “O que as Escrituras representam para os letrados, a imagem o é para os

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.enroma.com/catacumbas-de-priscila/>. Acesso em 27 dez. 24

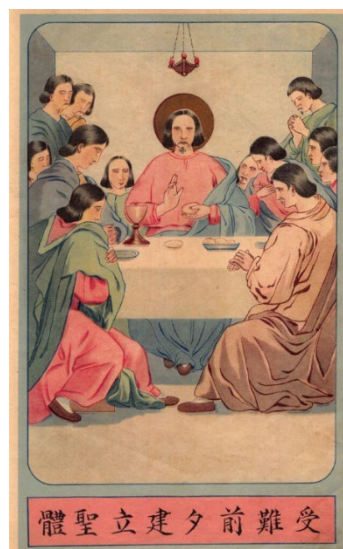
<sup>7</sup> Faz uma referência aos primeiros padres da Igreja Católica, que se dedicaram a desenvolver uma filosofia que se aproximava do pensamento cristão e do conhecimento religioso. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/patristica>. Acesso em 24 dez. 24

iletrados: são por essas imagens que aprendem o caminho a seguir. A imagem é o livro dos que não sabem ler.<sup>8</sup>”

No que tange os diálogos com a teoria tem-se um olhar especial as considerações da filósofa Maire-José Mondzain para quem a imagem era colocada a partir de uma questão genealógica: sob o questionamento de como foi posta. Nesse sentido, a autora diz ter se colocado em lugares solitários de pesquisa: “[...] uma vez que se tratava do mundo proto-cristão, bizantino, iconoclasta, e me encontrei na comunidade científica dos filósofos da antiguidade, para os quais a imagem não era um bom objeto, e dos historiadores da Idade Média oriental, para quem a imagem era apenas um problema teológico” (Mondzain 2016). Mondzain (2015) diferencia o que denomina como visualidades e o fazer da imagem. Esta, para a autora, requer um certo tempo e perpassa por três instâncias principais: mergulho, desapossamento e retração.

Com a catequização de outros países, representações de Jesus com características comuns de outros povos (FIGURA 3 e 4) começaram a se popularizar, mas com o distanciamento do catolicismo ao judaísmo e o crescente antissemitismo na Europa, começa a se popularizar a imagem de um Jesus com traços mais europeus, loiro de olhos azuis e pele clara. Essa representação acabou influenciando nos tempos modernos a representação midiática de personagens bíblicos do oriente médio como pessoas brancas (FIGURA 5 e 6).

**FIGURA 3 - POSTER CHINÊS DA BIBLIOTECA DA MISSÃO**

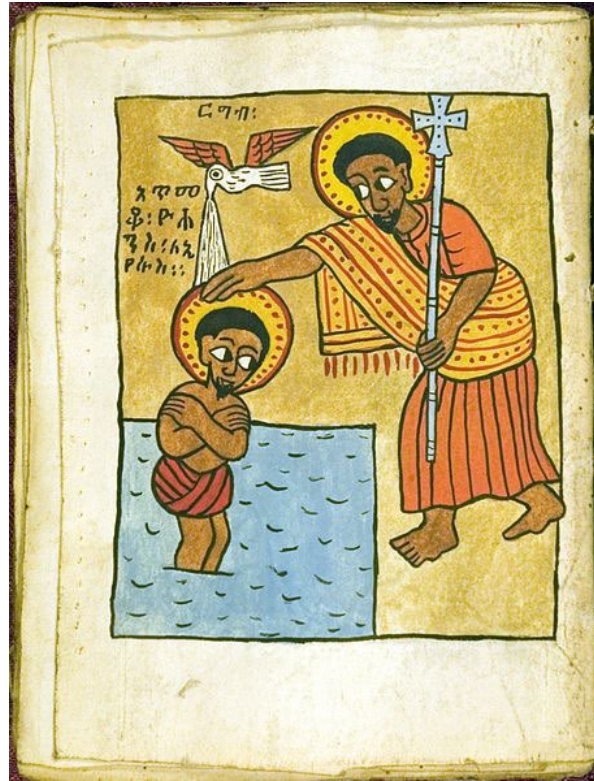


Fonte: Follow the Colours<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Gregório Magno, epistola. XI 13 PL 77, 1128c

<sup>9</sup> Disponível em: <https://followthecolours.com.br/no-seculo-19-gravuras-cristas-chinesas-promoviam-a-vida-de-jesus/>. Acesso em 28 jan. 25

FIGURA 4 – BATISMO DE JESUS – BÍBLIA ETÍOPE



Fonte: Observations<sup>10</sup>

FIGURA 5 - CENA DE A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO (1998) DE MARTIN SCORSESE

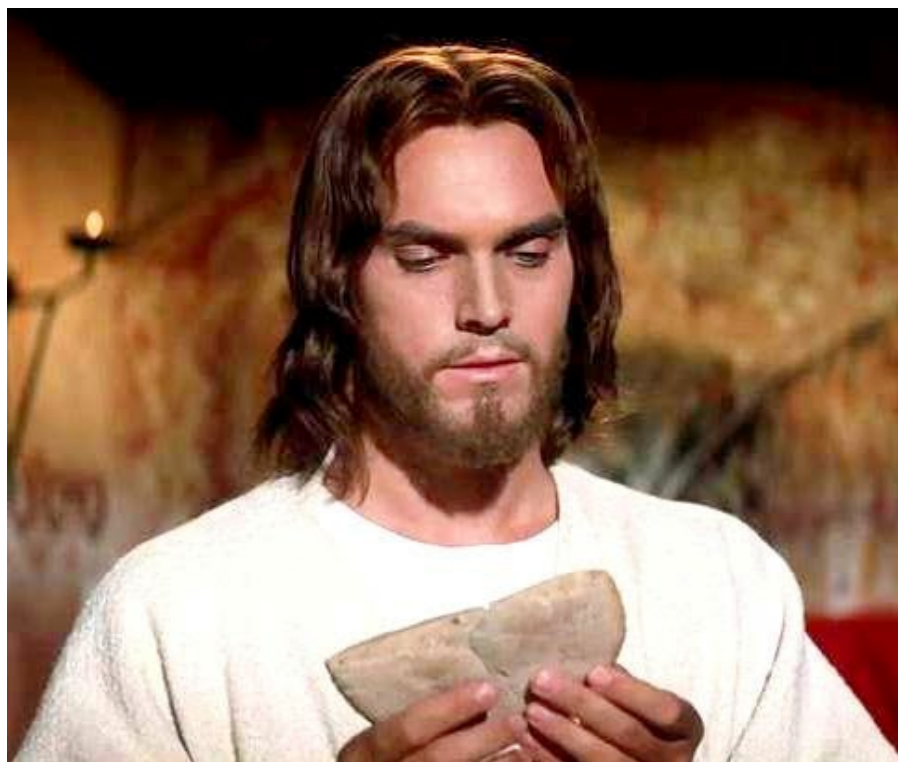


Fonte: Bridgeman Images<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://drewkadel.wordpress.com/2021/09/23/no-one-who-does-a-deed-of-power-in-my-name/>. Acesso em 28 jan. 25

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.bridgemanimages.com/en-US/noartistknown/the-last-temptation-of-christ-by-martin-scorsese-1988/film-still/asset/4053855>. Acesso em 28 jan. 25

**FIGURA 6 – CENA DE REI DOS REIS (1961) COM DIREÇÃO DE NICHOLAS RAY**



Fonte: Blog do Roberto Almeida<sup>12</sup>

No catolicismo se pressupõe a valorização da arquitetura, levando consigo o conceito de ensino e devoção através das imagens na parede quanto o embelezamento dos templos, o que culmina, na idade média com a venda de indulgências para a reconstrução da basílica de São Pedro, além de vários outros fatores, que em certa medida reverberaram na Reforma Protestante.

Assim como o catolicismo parece ter se desviado do judaísmo, a igreja protestante começa um processo de afastamento da tradição católica, e uma das primeiras mudanças visíveis é a mudança das artes imagéticas pela oralidade e musicalidade.

Martinho Lutero, além de padre, era formado em Artes pela Universidade de Erfurt, na Alemanha. Diferentemente dos cursos atuais, sua formação foi nas Artes Liberais<sup>13</sup>, que enfatizavam a lógica e o pensamento crítico em vez da técnica. Lutero tinha um grande apreço pela música, tornando-se uma figura influente na música sacra de sua época. Ele compôs

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://robertoalmeidasc.blogspot.com/2019/04/o-rei-dos-reis-por-altamir-pinheiro.html>. Acesso em 28 jan. 25

<sup>13</sup> Como artes liberais conhecem-se a Lógica, a Gramática, a Retórica, a Geometria, a Astronomia, a Música e a Aritmética, exercícios que apelam ao intelecto, em vez de se utilizar a técnica. Disponível em: <https://encurtador.com.br/g4uTx>. Acesso em 27 dez. 24

diversas canções que, ainda hoje, são parte dos hinários<sup>14</sup> de diferentes denominações cristãs. Lutero incentivava os fiéis a cantarem juntos, promovendo a participação coletiva no culto. Para isso, utilizava palavras simples e acessíveis, permitindo que mesmo aqueles sem instrução pudessem compreender e expressar sua fé por meio do canto, característica essa que perdura até os tempos atuais nas vertentes do protestantismo.

É fundamental destacar que, no contexto inicial da Reforma Protestante, houve intensos debates acerca da função da música na vida cristã. O reformador Ulrico Zwinglio, por exemplo, defendia que a música deveria ser apreciada como uma forma de prazer pessoal, tanto que ele mesmo a cultivava em seu ambiente doméstico. Contudo, para Zwinglio, a música não tinha um papel adequado no culto religioso, pois, segundo sua perspectiva, ela deveria ser destinada a um público distinto daquele que se reunia na igreja, onde o foco deveria estar exclusivamente na adoração a Deus.

Outros grupos surgiram durante o período da reforma, formando duas correntes teológicas com influência nas igrejas subsequentes, uma nascida na Suíça elaborada por João Calvino, calvinismo, e outra na Holanda com Jacó Armínio, arminianismo.

No campo sociológico, Max Weber, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004), analisou o impacto da ética reformada na formação do capitalismo ocidental. Ele destacou que o pensamento calvinista enfatizou o trabalho como um chamado divino e uma forma de glorificar a Deus. Essa ênfase na vocação, por vezes, relegou aspectos culturais e artísticos a uma função secundária.

Essa visão influenciou a pintura holandesa do século XVII, que passou a se concentrar na representação do cotidiano, retratando camponeses, comerciantes e pastores de ovelhas, além de desenvolver amplamente o gênero do retrato. Cenas de cidades, portos e batalhas navais também refletiam a identidade coletiva da sociedade. De acordo com Zumthor, essa preferência temática decorre da influência da Reforma Protestante, que rejeitava representações do sagrado na arte:

Quanto à pintura “de gênero”, deve seu impulso inicial à condenação dirigida pela Reforma contra as representações do divino. Cenas de interior, quermesses, naturezas-mortas substituíam as decidas da cruz de que as igrejas já não tinham necessidade, e correspondiam por isso mesmo aos desejos profundos de uma sociedade nova. (ZUMTHOR, 1989, p. 242)

---

<sup>14</sup> Um hinário é um livro que contém uma coleção de hinos ou cânticos religiosos, geralmente utilizados em cerimônias de culto ou adoração. Disponível em: <https://netvistos.com.br/glossario/o-que-e-hinario/>. Acesso em: 20 de mar. 25

A partir desse ponto, estabelece-se uma dicotomia na produção artística, segmenta em duas categorias: O Sagrado e o Profano. O que é considerado sagrado está relacionado ao religioso, ao que é feito para o culto e pregação. Em contrapartida, o profano refere-se aquilo que não é feito para glorificar a Deus ou não tem uma mensagem religiosa – uma distinção que perdura até os dias de hoje no meio cristão e é discutido por Turner (2007) em seu livro *Cristianismo Criativo?*

O Neocalvinismo, movimento surgido no século XIX com Abraham Kuiper, propõe uma releitura das ideias de João Calvino, ampliando o escopo do pensamento reformado para incluir maior engajamento com a cultura, as artes e a ciência. Kuiper (1880) destacou a soberania divina sobre todas as esferas da vida, afirmando que não há separação entre o sagrado e o secular.

Essa perspectiva ressignificou a relação entre a fé cristã e a criatividade artística, propondo que as artes são um reflexo da glória de Deus e um meio de interação com a realidade criada, trazendo um outro ponto de vista.

Esse contexto permitiu que, no século XX, autores cristãos como J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis retomassem o diálogo com as artes por meio de narrativas literárias que, embora profundamente influenciadas pela visão cristã, não possuíam caráter explicitamente evangelístico.

Por esta via obras literárias *O Senhor dos Anéis* e *As Crônicas de Nárnia* são exemplos marcantes dessa abordagem. Tolkien e Lewis construíram narrativas que exploram temas universais como o bem, o mal, a redenção e o sacrifício, utilizando símbolos e estruturas narrativas enraizadas em uma cosmovisão cristã. Entretanto, essas histórias transcendem o proselitismo<sup>15</sup> e alcançam um público mais amplo por meio de complexidades da ordem literária e imagética. Essa abordagem demonstra como a arte cristã pode expressar valores teológicos sem se limitar à finalidade de ensino religioso ou evangelização direta, estabelecendo um diálogo acessível a um público mais abrangente.

O teórico Hans Rookmaaker contribuiu para essa discussão ao defender que a arte, no cristianismo, não deve ser avaliada pela função doutrinária, incluindo as possibilidades de

---

<sup>15</sup> Esforço para converter alguém a uma fé, causa, ideologia etc. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proselitismo>. Acesso em: 28 jan. 25

refletir sobre a verdade, beleza e a realidade da criação divina. Segundo Rookmaaker (2013), a arte possui valor intrínseco e um papel fundamental na vida humana, permitindo um encontro com a espiritualidade que transcende o pragmatismo.

Nesse contexto, em que o Neocalvinismo ressignifica o papel das artes e a cultura cristã busca novas formas de expressão, o cinema se torna um meio relevante para observar como as tradições religiosas são representadas e reinterpretadas. A análise de filmes de animação cristã permite investigar como elementos estéticos e narrativos traduzem temas espirituais, refletindo as tensões entre valores artísticos, culturais e teológicos.

### 3. ANÁLISE FÍLMICA DAS OBRAS

Este capítulo se propõe a examinar como *O Príncipe do Egito* (1998) e o sétimo episódio de *Historinhas Bíblicas* da Record (1987-2005) interpretam visual e narrativamente a história de Moisés, considerando suas respectivas intenções, públicos e abordagens do sagrado e do profano.

A análise de obras audiovisuais sob a perspectiva do sagrado e do profano exige um olhar atento às suas escolhas estéticas, narrativas e simbólicas. No caso da animação, uma mídia historicamente associada ao entretenimento infantil pelo público não especializado, a abordagem de temáticas religiosas e espirituais apresenta desafios e oportunidades singulares.

A investigação dialoga com reflexões teóricas sobre a construção simbólica das imagens, com base em autores como Jacques Aumont (2022), e elementos como composição visual, uso da cor e da luz, caracterização dos personagens e estratégias narrativas.

Como argumenta Mondzain (2013), a imagem religiosa opera em um espaço simbólico que ultrapassa sua função representacional, criando uma experiência de alteridade e transcendência. Nesse sentido, a análise buscará identificar como cada filme trabalha a iconografia<sup>16</sup> cristã e os códigos visuais que orientam a percepção do divino e do humano.

No caso de *O Príncipe do Egito*, a iconografia é inspirada na arte egípcia antiga, o que se reflete na estilização dos personagens, na arquitetura e nos hieróglifos presentes nos cenários. Essa escolha reforça a imersão na ambientação histórica e confere autenticidade à narrativa, ao mesmo tempo, em que adapta elementos visuais para dialogar com um público contemporâneo.

---

<sup>16</sup> A iconografia é um campo de estudo que se dedica à análise e descrição de imagens e símbolos. Disponível em: <https://www.costerus.com.br/blog/glossario/o-que-e-iconografia-estudo-ou-descricao-de-imagens-e-simbolos/>. Acesso: 19 de mar. 25

A presença do divino é sugerida por meio de efeitos de luz, sombras marcantes e composições cinematográficas que evocam o sublime, sem representar Deus de forma antropomórfica. Assim, há um compromisso com a iconografia bíblica reinterpretada pelo viés da grande produção hollywoodiana, que enfatiza a experiência sensorial e emocional do espectador.

Já nas Historinhas bíblicas segue uma iconografia mais tradicional, associada à pintura religiosa cristã ocidental, especialmente a estética das ilustrações devocionais do século XIX e XX (FIGURA 7). As figuras divinas e profetas são retratados de forma convencional as imagens referidas, com vestes longas, expressões serenas e iluminação suave para indicar a presença do sagrado. A simplicidade das cores e da animação remete à iconografia catequética, voltada para a transmissão pedagógica da fé. Assim, o comprometimento com a iconografia está menos na ambientação histórica e mais na clareza simbólica, garantindo que o público identifique facilmente as figuras bíblicas e compreenda suas mensagens.

**FIGURA 7 - NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, ÓLEO SOBRE ZINCO, ALTO PERU (BOLÍVIA) – SÉCULO XIX**



Fonte: Arte 132<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Disponível em: <https://arte132.com.br/exposicao/arte-devocional-no-seculo-xix-pintura-em-metal-e-paulistinhas/>. Acesso em 25 de mar. 25

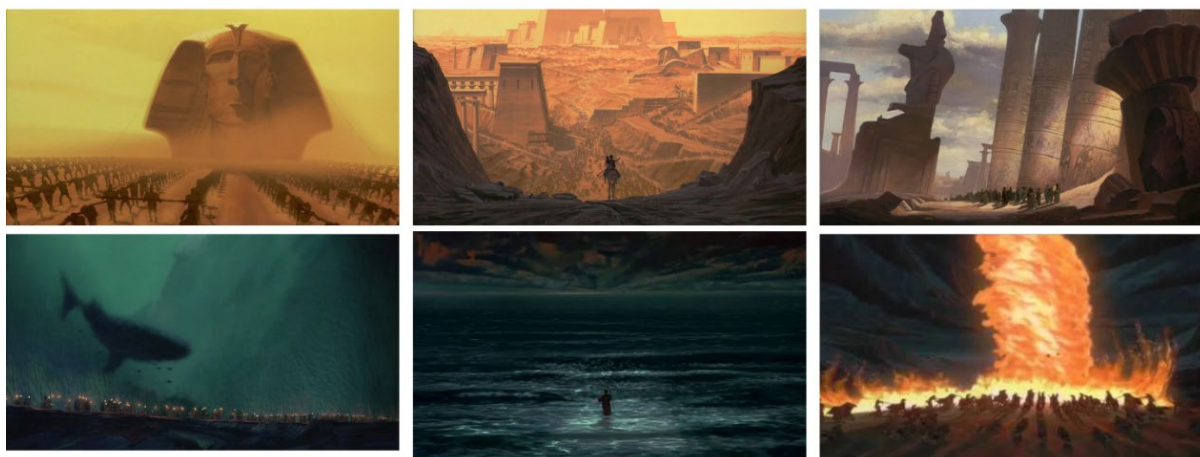
Nos próximos parágrafos, serão explorados os aspectos específicos de cada animação, buscando compreender como a escolha de estilo, enquadramento e direção de arte contribui para a construção simbólica nessas obras.

### 3.1. COMPOSIÇÃO DAS CENAS

Bruce Block, no livro *A Narrativa Visual* (2010), apresenta uma abordagem fundamental para a compreensão da composição visual no cinema, destacando os seis elementos principais que constroem a narrativa visual: linha, forma, cor, espaço, movimento e ritmo. Cada um desses elementos pode ser usado para intensificar a experiência emocional do espectador e para construir significados visuais e simbólicos.

A forma como o espaço é usado nas animações também desempenha um papel crucial na construção simbólica. *O Príncipe do Egito* utiliza grandes planos panorâmicos e espaços amplos, dando a impressão de um mundo vasto e cheio de mistério (FIGURA 8). Associada à trilha sonora, essa abordagem espacial intensifica a percepção da grandiosidade dos monumentos e dos eventos miraculosos, gerando uma sensação de pequenez diante de sua escala imponente. Tal efeito é acentuado pela composição visual, na qual o chão ocupa aproximadamente 18% da imagem total (FIGURA 9). Em *Historinhas Bíblicas*, o espaço tende a ser mais restrito, com planos mais próximos, reforçando a didática e a clareza da narrativa (FIGURA 10).

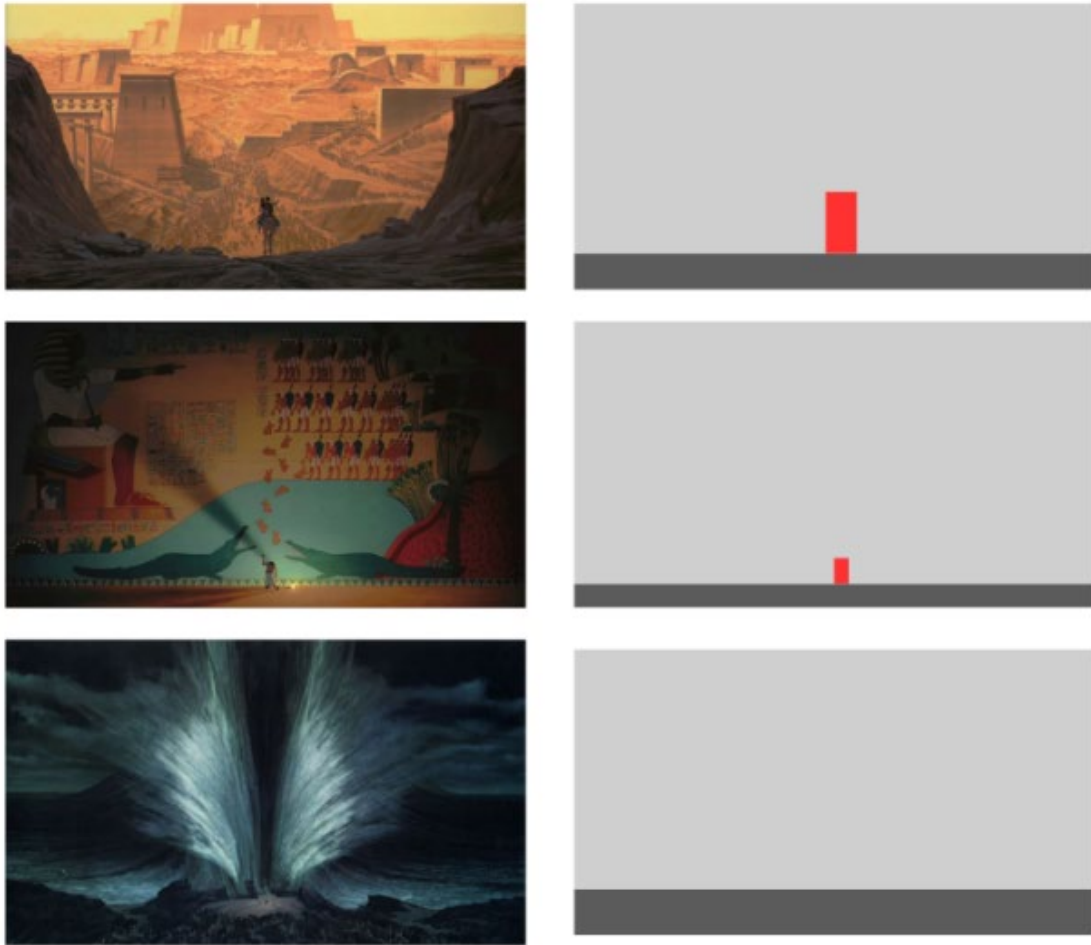
**FIGURA 8 - CENAS DE O PRÍNCIPE DO EGITO**



Fonte: Compilação do autor<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no site *Character Design Reference*. Disponível em: <https://characterdesignreferences.com/art-of-animation-3/the-prince-of-egypt>. Acesso em 30 jan. 25

**FIGURA 9 - PROPORÇÃO DO CENÁRIO**



Fonte: Elaborado pelo autor

**FIGURA 10 - CENAS DE HISTORINHAS BÍBLICAS**



Fonte: Elaborado pelo Autor

A linha é o primeiro elemento visual que comunica direção, estrutura e emocionalidade. Em *O Príncipe do Egito*, as linhas retas e geométricas nos cenários egípcios mostrados acima evocam um senso de ordem, poder e grandiosidade e nas figuras humanas reforçam, principalmente nos escravos hebreus um senso de sofrimento e opressão (FIGURA 11). Por outro lado, em *Historinhas Bíblicas*, as linhas mais suaves e arredondadas nos personagens e ambientes criam uma sensação de serenidade e simplicidade, alinhando-se à abordagem didática (FIGURA 12).

**FIGURA 11** - ESBOÇO DO ROSTO DE MOISÉS EM O PRINCIPE DO EGITO



Fonte: Character Design Reference<sup>19</sup>

**FIGURA 12** - ROSTO DE MOISÉS EM HISTORINHAS BÍBLICAS



Fonte: Youtube<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://characterdesignreferences.com/art-of-animation-3/the-prince-of-egypt>. Acesso em: 20 de mar. 25

<sup>20</sup> Disponível em: <https://youtu.be/RIPqqX-YpW8?si=28qp4GzCj5IIKnXP>. Acesso em: 20 de mar. 25

O ritmo, ou o tempo visual, é fundamental para construir a narrativa. Em *O Príncipe do Egito*, o ritmo varia entre momentos de grande intensidade, com cortes rápidos e movimentos rápidos de câmera durante cenas de ação, e momentos de quietude e contemplação, com planos longos e pausados, que sugerem um descanso em meio ao sofrimento. Em *Historinhas Bíblicas*, o ritmo é mais constante e didático, com a narrativa fluindo de forma mais linear e menos dramática, apropriada para seu formato de ensino religioso.

A cor, segundo Aumont (2022), não é apenas um elemento estético, mas um recurso semântico que influencia a percepção emocional da cena.

Em *O Príncipe do Egito*, a paleta de cores muda de acordo com a atmosfera dramática: tons quentes e dourados são usados para evocar a glória do Egito (FIGURA 13), enquanto tons frios e azulados surgem em momentos de tensão dramática (FIGURA 14). Em *Historinhas Bíblicas*, as cores são mais homogêneas e simbólicas, sem variações expressivas, reforçando a clareza da mensagem e mantendo uma identidade visual próxima à iconografia tradicional (FIGURA 15).

**FIGURA 13 - CENA DE ABERTURA DE O PRÍNCIPE DO EGITO**



Fonte: ClipCafe<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://clip.cafe/the-prince-of-egypt-1998/with-the-sting-of-the-whip-on-shoulder/>. Acesso em: 21 de mar. 25

**FIGURA 14 - ENCONTRO DE MOISÉS COM A SARÇA**

Fonte: ClipCafe<sup>22</sup>

**FIGURA 15 - TRECHO RETIRADO DA SÉRIE**

Fonte: YouTube<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://clip.cafe/the-prince-of-egypt-1998/when-all-youve-got-nothing-s1/>. Acesso em 21 de mar. 25

<sup>23</sup> Disponível em: <https://youtu.be/RIPqqX-YpW8?si=28qp4GzCj5IIKnXP>. Acesso em: 20 de mar. 25

### 3.2. O MOISÉS QUE VAI ALÉM DA RELIGIÃO

Embora ambas as animações abordem a mesma narrativa, *O Príncipe do Egito* se destaca por transcender a linearidade da história original, aprofundando o relacionamento entre Moisés e Ramsés. Diferente da série animada de cunho estritamente religioso, o filme não estrutura sua trama exclusivamente em torno da fé em Deus, mas sim na forma como os personagens constroem suas próprias identidades e crenças.

Desde o início, esse conflito é introduzido na sequência musical *Liberte-nos*<sup>24</sup>, na qual são apresentados os escravos hebreus submetidos a condições degradantes enquanto erguem monumentos para o império egípcio. Paralelamente, a crueldade dos soldados egípcios é evidenciada pelo massacre dos primogênitos hebreus, um ato que reforça a tirania do Faraó, um líder que se coloca na posição de divindade. A crença de Ramsés na própria superioridade resulta diretamente no sofrimento dos inocentes.

A narrativa, então, introduz os irmãos Moisés e Ramsés, por meio dos quais o filme explora o impacto das crenças individuais sobre o destino de uma nação. Inicialmente, Moisés se identifica como egípcio e ignora o sofrimento dos hebreus. Entretanto, ao descobrir sua verdadeira origem, sua percepção se transforma completamente, passando a enxergar a realidade sob uma nova perspectiva.

Ramsés, por outro lado, carrega o peso das expectativas impostas por seu pai e teme ser o elo fraco de sua dinastia, conforme ilustrado na fala: "Mas um elo fraco pode quebrar a corrente de uma poderosa dinastia." Em resposta a esse medo, ele se esforça não apenas para igualar seu pai, mas para superá-lo, caindo nas mesmas ilusões de grandeza que marcaram a linhagem dos faraós, o que é representado pela sua imagem comparada à de seu pai (FIGURA 16).

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EVxBAvCoNa4>. Acesso em 21 de mar. 25

FIGURA 16 - RAMSÉS COMPARADO À IMAGEM DO PAI



Fonte: Elaborado pelo autor

Apesar dessa dinâmica de poder, a relação entre Moisés e Ramsés é marcada por um vínculo fraterno significativo. Moisés, ao fugir para o deserto após descobrir sua origem, é acolhido pelo povo de Midiã, onde o sumo sacerdote Jetro o instrui por meio da música *Olhar com o Olhar do Céu*<sup>25</sup>. A canção propõe uma nova perspectiva sobre o valor individual, sugerindo que a grandeza de uma vida não deve ser definida apenas pelas ações ou pelo julgamento alheio, mas pela conexão com a realidade e com os demais. Essa mudança na autopercepção permite que Moisés esteja aberto para ouvir a voz de Deus.

Moisés, ao retornar ao Egito e exigir a libertação dos hebreus, faz com que Ramsés se depare com uma escolha crucial: abandonar o poder ou se apegar ainda mais a ele. Sua resistência leva ao sofrimento generalizado, atingindo não apenas os hebreus, mas também o próprio povo egípcio (FIGURA 17).

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q4UqfduW2gQ>. Acesso em 21 de mar. 25

FIGURA 17 - TRECHO DA SEQUÊNCIA DAS 10 PRAGAS



Fonte: YouTube<sup>26</sup>

No clímax da narrativa, Deus instrui os hebreus a marcarem suas portas com o sangue de um cordeiro sacrificado, protegendo-os da última praga: a morte dos primogênitos.

Sem adentrar nas complexas interpretações teológicas sobre os sacrifícios bíblicos, há um significado simbólico relevante a ser considerado. No contexto da cultura israelita, o sacrifício de um animal inocente frequentemente representava a expiação por transgressões como fraude, mentira ou roubo. Dessa perspectiva, a morte dos primogênitos egípcios pode ser compreendida como a manifestação do sofrimento gerado pelas injustiças cometidas por Ramsés.

Esse evento impõe a ele uma nova escolha: reconhecer o impacto de seu despotismo e libertar os hebreus ou persistir em sua busca pelo controle absoluto. Sua decisão inicial é libertá-los, conforme evidenciado pela fala: "Você e seu povo... têm minha permissão para partir." No entanto, movido pela ira e pelo orgulho ferido, ele decide persegui-los, culminando na travessia do Mar Vermelho.

A sequência do Mar Vermelho se destaca pela excelência da composição visual e da trilha sonora, proporcionando um momento de impacto na narrativa. Quando os hebreus escapam e o exército egípcio é consumido pelas águas, Ramsés se encontra sozinho,

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GJleW4TCQM0>. Acesso em 21 de mar. 25

enfrentando as consequências de suas escolhas. O filme encerra sua trajetória com uma última reflexão: ele pode romper o ciclo de opressão ou perpetuá-lo.

*O Príncipe do Egito* trabalha temas comuns à animação de maneira excepcionalmente profunda, utilizando-se de simbolismo visual e um respeito rigoroso pelo material original. Sua relevância transcende o aspecto religioso, abordando questões universais sobre identidade, liderança e o impacto das crenças individuais na coletividade. O filme sugere que acreditar-se superior e desconectado dos outros conduz ao sofrimento, enquanto a humildade e a compreensão da própria humanidade possibilitam a verdadeira libertação.

A cena final apresenta Moisés descendo do Monte Sinai com as Tábuas da Lei, observando o povo agora livre (FIGURA 18). A trilha sonora retoma *Liberte-nos*, estabelecendo um elo entre o início e o fim da narrativa. Diferente de um governante que busca consolidar seu poder, Moisés emerge como um guia humilde, reconhecendo que a verdadeira autoridade pertence a Deus ou, numa perspectiva mais ampla, à própria realidade. Assim, *O Príncipe do Egito* se consagra não apenas como uma adaptação da história de Moisés, mas como uma profunda reflexão sobre a natureza do poder, da fé e da liberdade.

**FIGURA 18** - TRECHO FINAL DE O PRÍNCIPE DO EGITO



Fonte: Youtube<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bUKVooRZhy8>. Acesso em 21 de mar. 25

#### 4. CONCLUSÃO

A análise das animações *O Príncipe do Egito* e *Historinhas Bíblicas* evidencia como diferentes abordagens podem reinterpretar uma mesma narrativa bíblica, destacando não apenas as divergências estéticas e técnicas, por se tratarem de obras em janelas diferentes, cinema e tv, mas também os contextos culturais e teológicos que influenciam suas produções. Enquanto *O Príncipe do Egito* se distingue pela profundidade emocional, pela complexidade de seus personagens e pela abordagem de questões universais como identidade, poder e fé, *Historinhas Bíblicas* adota uma abordagem didática e simplificada, com ênfase na fidelidade ao texto bíblico e na clareza de sua mensagem.

Este contraste leva à reflexão sobre o papel da arte no diálogo entre fé e cultura, ressaltando o potencial da animação como um meio eficaz de comunicação do sagrado no contexto contemporâneo. Ao explorar as implicações éticas e espirituais presentes em cada obra, observa-se que a arte, longe de se limitar à mera narração de histórias, possui a capacidade de fomentar diálogos profundos sobre crenças, valores humanos e questões existenciais que permeiam a experiência religiosa.

Retomando as ideias de Rookmaaker, a arte não precisa ter um propósito utilitário ou moral para justificar sua existência. Seu valor está na liberdade criativa e na expressão estética que ela proporciona, sem a necessidade de cumprir funções práticas ou de transmitir uma mensagem específica. A arte existe por si mesma, como uma forma de manifestação da imaginação humana, sendo válida simplesmente por ser uma expressão de nossa capacidade criativa. Dessa forma, a arte se afirma como um fim em si mesma, sem depender de objetivos externos para legitimar sua relevância.

A presente investigação não apenas contribui para uma compreensão mais ampla da intersecção entre estética visual e teologia protestante, mas também convida à reflexão sobre como as representações artísticas influenciam e moldam a percepção da narrativa bíblica. Ao incentivar a apreciação da arte como um meio de comunicação espiritual, destaca-se a importância de que artistas e instituições religiosas reconheçam o potencial da criatividade em sua capacidade de transcender fronteiras e tocar a alma humana

Assim, ao continuarmos a explorar e debater a presença da arte em nossas vidas e espiritualidade, é fundamental lembrar que cada obra representa uma oportunidade de diálogo e reflexão sobre questões profundas que nos conectam enquanto indivíduos e enquanto comunidade.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. **A Imagem**. 9ª reimpressão edição (27 agosto 1993). ed. São Paulo: Papirus Editora, 2022.
- BLOCK, B. **A Narrativa Visual: criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais**. Tradução de Cláudia Mello Belhassof. São Paulo: Elsevier, 2010.
- DESENHOS Animados do Velho Testamento. Direção: Richard Rich. Produção: Richard Rich. Intérpretes: Ray Porter. [S.l.]: Nest Family Entertainment. 1993.
- EWALD, W. Reforma e Música. **Portal Luterano**, 2012. Disponível em: <[https://legado.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/celebracao-1/reforma-e-musica](https://legado.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/celebracao-1/reforma-e-musica)>. Acesso em: 09 Janeiro 2025.
- EWALD, W. **O Ofício da Música Na Igreja**. Blumenal: Otto Kuhr, 2020. 22-23 p.
- GASKIN, E. Whitewashed: How a Jewish and brown Jesus became an Aryan. **Tumes of Israel**, 2023. Disponível em: <<https://blogs.timesofisrael.com/whitewashed-how-a-jewish-and-brown-jesus-became-an-aryan/>>. Acesso em: 02 Janeiro 2025.
- HOUSE, A. S. The long history of how Jesus came to resemble a white European. **The Conversation**, 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/the-long-history-of-how-jesus-came-to-resemble-a-white-european-142130>>. Acesso em: 02 Janeiro 2025.
- IECLB. Martim Lutero - cronologia. **Portal Luterano**. Disponível em: <[https://legado.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/confessionalidade-luteranos-em-contexto/martim-lutero-cronologia](https://legado.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/confessionalidade-luteranos-em-contexto/martim-lutero-cronologia)>. Acesso em: 02 Janeiro 2025.
- KUYPER, A. **Lectures on Calvinism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1931.
- KUYPER, A. **Sphere Sovereignty**. West Linn: Monergism Books LLC, 2024.
- LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- MONDZAIN, M.-J. **Imagem, Ícone, Economia**. Rio de Janeiro: CONTRAPONTO, 2013.
- MONDZAIN, M.-J. **Homo Espectator. Ver e fazer ver**. Lisboa: Orfeu Negro, 2015.
- MONDZAIN, M.-J. Imagem, sujeito, poder. **Outra Travessia**, n. 22, 2016. p. 175-192.
- O Príncipe do Egito. Direção: Brenda Chapman; Steve Hickner e Simon Wells. Produção: Penney Finkelman e Cox Sandra Rabins. Intérpretes: Val Kilmer. [S.l.]: DreamWorks. 1998.

RODRIGUES, R. **Apologistas Católicos**, 2012. Disponível em: <<https://apologistascaticos.com.br/o-uso-das-imagens-no-cristianismo-primitivo-2/>>.

Acesso em: 23 Dezembro 2024.

ROOKMAAKER, H. R. **A Arte não Precisa de Justificativa**. Brasília: ABU Editora, 2013.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamim. Viçosa: Ultimato, 2015.

ROOKMAAKER, H. R. **Filosofia e Estética**. Brasília: Monergismo, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. São Paulo: HarperCollins, 2020.

TURNER, S. **Cristianismo Criativo?** São Paulo: W4 Editora, 2007.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZUMTHOR, P. **A Holanda dos tempos de Rembrandt**. São Paulo: Cículo do Livro, 1989.